

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
CURSO DE PEDAGOGIA

CARLEANE FREITAS BARBOSA

**A COMPREENSÃO DA PERSPECTIVA DE CRIANÇAS EM PESQUISAS SOBRE
O TDAH: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO.**

Arapiraca
2023

CARLEANE FREITAS BARBOSA

**A COMPREENSÃO DA PERSPECTIVA DE CRIANÇAS EM PESQUISAS SOBRE
O TDAH: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
Universidade Federal de Alagoas – *Campus*
Arapiraca, como requisito básico para a
conclusão do Curso de Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Janaíla dos Santos Silva

Arapiraca

2023



Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
Biblioteca Setorial *Campus Arapiraca* - BSCA

B238c Barbosa, Carleane Freitas
A compreensão da perspectiva de crianças em pesquisas sobre o TDAH [recurso eletrônico]: um estudo bibliográfico / Carleane Freitas Barbosa. – Arapiraca, 2023.
30 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Janaíla dos Santos Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca, 2023.
Disponível em: Universidade Digital (UD) – UFAL (*Campus Arapiraca*).
Referências: f. 29-30.

1. Educação. 2. Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH).
3. Aprendizagem. I. Silva, Janaíla dos Santos. II. Título.

CDU 37

Folha de Aprovação

CARLEANE FREITAS BARBOSA

A COMPREENSÃO DA PERSPECTIVA DE CRIANÇAS EM PESQUISAS SOBRE O TDAH: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado na Universidade Federal de
Alagoas – *Campus* Arapiraca, como
requisito básico para a conclusão do
Curso de Pedagogia.

Data da aprovação: 23/10/2023

Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente
JANAILA DOS SANTOS SILVA
Data: 24/10/2023 00:11:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora: Profa. Dra. Janaila dos Santos Silva
Universidade Federal de Alagoas/ *Campus* Arapiraca - Sede



Documento assinado digitalmente
FABIO HOFFMANN PEREIRA
Data: 26/10/2023 09:10:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador Interno: Prof. Dr. Fábio Pereira Hoffmann
Universidade Federal de Alagoas/ *Campus* Arapiraca - Sede



Documento assinado digitalmente
LIDIANE DOS SANTOS BARBOSA
Data: 25/10/2023 09:31:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador Externo: Profa. Ma. Lidiane dos Santos Barbosa
Universidade Federal de Alagoas/ *Campus* Arapiraca – Palmeira dos Índios

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Mainha, que não mediu esforços para que eu pudesse realizar este sonho e abriu mão de seus sonhos, para que o meu se tornasse possível. Esta conquista com certeza também é sua. Amo-te!

AGRADECIMENTOS

A priori, agradeço a Deus por ter me dado condições de chegar até aqui e forças para sempre lutar por aquilo que o meu coração almeja e, mesmo sendo eu tão pequena perante Ele, proporcionou-me grandes feitos e o Seu infinito amor.

Isaías 41:10 – “Por isso não tema, pois estou com você; não tenha medo, pois sou o seu Deus. Eu o fortalecerei e o ajudarei; eu o segurarei com a minha mão direita vitoriosa”.

Agradeço as duas grandes mulheres da minha vida – Mainha e vovó (*in memoriam*) – que nunca mediram esforços para me oferecerem melhores oportunidades de vida e por sempre me incentivarem a estudar. Hoje, estou eu, lisonjeada por estar cumprindo mais uma etapa em minha vida e honrando as mulheres nordestinas que eu mais amo. Obrigada por tudo e pelo exemplo de vida, vocês são a minha maior inspiração!

Obrigada ao José Mário Anjos por ter sido sempre como um pai para mim em todas as etapas da minha vida, nessa não foi diferente, sempre estendendo a mão e o coração para me apoiar e ajudar no que fosse preciso, Deus abençoe grandemente!

Gratidão a minha orientadora Janaíla Silva, por toda paciência, carinho e dedicação para comigo, meu muito obrigada!

Aos meus professores, que fizeram parte da minha formação acadêmica e me proporcionaram ricas aprendizagens.

Aos discentes do curso, pela união e, principalmente, as minhas companheiras de missão – *Ane's* e *Winx* – que se tornaram grandes amigas. Nunca esqueçam: *“Deus não une pessoas, une propósitos”*. Amo nossa amizade!

A minha grande amiga, irmã, Daniela R. de Almeida que mesmo distante é tão presente em minha vida, apoiando, auxiliando e almejando as minhas conquistas. Gratidão ao meu querido aluno Cícero Lucas por me fazer uma melhor professora a cada dia e ser um ser mais humano. Amo vocês!

A posteriori, meu muito obrigada aqueles que sempre me encorajaram, acreditaram em mim e sonharam com este dia assim como eu, sou muito feliz por tê-los e por compartilharem a vida comigo!

Finalizo com Isaías 41:20 - *Para que todos vejam, e saibam, e considerem, e juntamente entendam que a mão do SENHOR fez isto, e o Santo de Israel o criou.*

Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.
(Paulo Freire).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a perspectiva de crianças em pesquisas sobre o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Esse transtorno precisa ser compreendido a partir da experiência dos sujeitos, em seus contextos e tempos. Diante disso, lançou-se mão da metodologia de pesquisa de revisão bibliográfica da produção acadêmica brasileira, por meio do banco de dados do *SciELO* e Portal Periódicos CAPES, visando identificar pesquisas sobre o TDAH na infância, nas quais as próprias crianças foram situadas como informantes do processo de produção do conhecimento sobre esse transtorno. Sendo assim, é possível apresentar o problema de pesquisa investigado da seguinte maneira: “De que forma a perspectiva das crianças sobre o TDAH pode contribuir para as pesquisas que buscam investigar esse fenômeno?” Justifica-se a relevância deste problema pela necessidade em contribuir com o desenvolvimento do conhecimento não apenas “sobre” a infância, mas também “com” as crianças, pela via da ruptura com a produção de discursos centrados na perspectiva do adulto, que dita normas e formas de produção de conhecimento, colocando em segundo plano a experiência do ser investigado. Nesse sentido, o presente estudo possibilitou verificar a escassez de trabalhos sobre TDAH, nos quais as crianças sejam participantes e parceiras de pesquisa, por outro lado, as pesquisas que trazem a participação da criança como colaboradora consolidam o olhar sobre suas potencialidades e não sobre seus déficits de aprendizagem.

Palavras-chave: crianças; aprendizagem; TDAH.

ABSTRACT

The present work aims to understand the perspective of children in research on Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). This disorder needs to be understood based on the experience of the subjects, in their contexts and times. In view of this, we used the research methodology of bibliographical review of Brazilian academic production, through the SciELO database and Portal Periódicos CAPES, aiming to identify research on ADHD in childhood, in which the children themselves were situated as informants. of the process of producing knowledge about this disorder. Therefore, it is possible to present the research problem investigated as follows: “How can children’s perspective on ADHD contribute to research that seeks to investigate this phenomenon?” The relevance of this problem is justified by the need to contribute to the development of knowledge not only “about” childhood, but also “with” children, through the rupture with the production of discourses centered on the adult perspective, which dictates norms and forms of knowledge production, placing the experience of being investigated in the background. In this sense, the present study made it possible to verify the scarcity of work on ADHD, in which children are participants and research partners. On the other hand, research that involves children as collaborators consolidates the look at their potential and not at their learning deficits.

Keywords: children; learning; ADHD.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1	TDAH: Definições.....	12
2.2	Patologização e medicalização.....	13
2.3	Pesquisas com crianças.....	15
3	METODOLOGIA.....	18
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um distúrbio que se caracteriza por desatenção, hiperatividade e comportamento impulsivo. Segundo Caliman (2009), o consenso internacional, assinado em 2002, legitima o TDAH como uma condição médica real que pode ser definida como um quadro biológico da desordem, ou seja, a prova biológica da causa, mas também pode ser definida pela intensidade do dano causado ao indivíduo e à sociedade na qual ele está inserido.

Na infância, esses sinais são manifestados de maneiras e graus diferentes de intensidade, podendo permanecer por toda a vida; assim, sendo necessário serem identificados, diagnosticados e tratados para ajudar as crianças a superarem suas limitações.

[...] uma vez diagnosticado o TDAH, esse aluno deve ser considerado como uma criança com necessidades educacionais especiais, pois para que tenha garantidas as mesmas oportunidades de aprender que os demais colegas de sala de aula, serão necessárias algumas adaptações visando diminuir a ocorrência dos comportamentos indesejáveis que possam prejudicar seu progresso pedagógico [...] (REIS, 2011, p.8).

A dificuldade de aprendizagem nas crianças com TDAH é comprometida devido a agitação motora e a dificuldade de manter o foco e a concentração nas atividades propostas, podendo prejudicar no desempenho escolar e ser responsável por estereótipos que não condiz com a capacidade cognitiva dessas crianças. Para que o desenvolvimento seja crescente, é importante respeitar e compreender os desafios, as dificuldades, as limitações, o contexto social e político dos alunos com TDAH.

[...] o professor tem papel fundamental no desenvolvimento das habilidades e controle do comportamento da criança com TDAH. Desse modo, ele deve ser instruído, tanto na formação inicial como na continuada, como também deve ser auxiliado em sua prática pedagógica e deve ter conhecimento sobre o transtorno e as estratégias adequadas em sala de aula para que esses alunos sejam efetivamente incluídos na escola (REIS, 2011, p. 7).

O professor como peça intrínseca e direta nesse processo educacional, necessita ter flexibilidade pedagógica, explorando métodos de ensino alternativos para que possa incluir o aluno com TDAH, fomentando o que há de melhor na criança, dando *feedbacks* positivos, estimulando o interesse e o avanço cognitivo do aluno.

De acordo com Moysés e Collares (2020), estamos vivendo a era dos transtornos, com aumento expressivo de diagnósticos de dislexia, TDAH, dentre novas nomenclaturas que surgem frequentemente em manuais lançados pela Academia de Psiquiatria Americana (APA). Nesse contexto, também é importante ter um olhar crítico sobre a patologização e medicalização. A patologização ocorre sempre que corpo e mente são fragmentados, separados da cultura e naturalizados.

Tratar questões sociais como se fossem biológicas iguala o mundo humano ao mundo da natureza, isentando de responsabilidades todas as instâncias de poder, em cujas entranhas são gerados e perpetuados esses problemas. [...] A patologização naturaliza a vida; em consequência, processos e relações socialmente constituídos são desconstruídos como direitos humanos, como conquistas históricas de homens e mulheres. (MOYSES E COLLARES, 2020, p. 36).

Diante desse olhar crítico, é defendido que quando temos um excesso de produção sobre TDAH e seus processos diagnósticos sem considerar a expressão da experiência infantil, corre-se o risco de patologizar e, portanto, naturalizar, o TDAH na infância, desconsiderando as conquistas históricas das crianças.

Assim, patologização da vida, ao fragmentar biologia e cultura, atinge a Educação e compromete a saúde das crianças e dos adultos, que passam a ser fomentados pela lógica capitalista de produtividade e lucros incessantes.

Segundo a pesquisadora Cláudia Mascarenhas:

Toda vez que buscamos soluções médicas para comportamentos que são mais amplos, que não se resumem em causas médicas, e devem ser vistos num contexto que inclua circunstâncias de vida e suas condições, além da ideia de que é sempre fundamental que se pense na criança de modo integral e contextualizado, estamos diante da medicalização da vida (MASCARENHAS, 2019, p. 103).

Atualmente é visto que as crianças têm cotidianamente seus direitos feridos, seja pela relação de dominância ainda presente nas relações entre adultos e crianças, seja pelas desigualdades e exclusões sociais. É na contramão dessas exclusões que a participação da criança se torna tão necessária na produção de conhecimento sobre sua saúde, sua educação e suas necessidades. Nesse sentido, a escola como um ambiente provedor de encontros da diversidade, da pluralidade, tem papel fundamental nessa construção da criança e do ser social de modo integral e inclusivo.

Como educadores, não podemos permitir a homogeneização de nossas crianças. Aos olhos padronizados da sociedade, o diferente é motivo de discriminação, preconceito e exclusão.

[...] as escolas têm papel importante nesse processo, em especial, quando não conseguem lidar ou compreender comportamentos infantis diferentes do padrão esperado por elas e creditam que a causa ou a explicação para tal comportamento é um marcador biológico, cerebral ou alguma doença no seu corpo, necessitando exames de imagem, de sangue, genéticos, que apontam, como suposição, o aparecimento de alguma doença necessitando, para situações sociais ou emocionais, um auxílio médico (MASCARENHAS, 2019, p. 103).

Não sendo diferente com crianças que possuem o TDAH, a escola preocupa-se demasiadamente com laudos médicos que possam comprovar comportamentos considerados fora da "normalidade" frente a dificuldades de aprendizagens, para que assim possam encontrar soluções e intervir com mecanismos que corroborem para o desenvolvimento cognitivo destas crianças.

É necessário buscar compreender tais fenômenos e não somente diagnosticar transtornos e recair em rótulos. É preciso ir além, contextualizando e entendendo o cotidiano da criança, apostando nas potencialidades e não apenas nos déficits.

Diante dessa problemática que mistura as condições de um transtorno da atenção, a questão da medicalização da vida e os contextos de desenvolvimento das crianças, foi lançado o olhar para a seguinte pergunta: “De que forma a perspectiva das crianças sobre o TDAH pode contribuir para as pesquisas que buscam investigar esse fenômeno?”

Essa pesquisa tem como objetivo geral compreender a perspectiva de crianças em pesquisas sobre o TDAH, através da análise de pesquisas bibliográficas. Assim, se justifica pela necessidade de contribuir com o desenvolvimento de conhecimento não apenas sobre a infância, mas também com ela, ou seja, com sua parceria, numa busca da ruptura com a produção de discursos centrados na perspectiva do adulto, que ditam normas de comportamento e formas de produção de conhecimento, colocando em segundo plano a experiência do ser investigado.

Nesse sentido, optou-se por uma pesquisa qualitativa e de revisão bibliográfica da produção acadêmica brasileira sobre TDAH, mais especificamente, visando identificar quais e quantas pesquisas traçaram metodologias que situam a criança como participante do processo de produção do conhecimento sobre TDAH na infância.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 TDAH: Definições

O TDAH - Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade – de acordo com Barkley (2009) tem sido apontado como uma das alterações comportamentais infantis mais estudada em crianças em idade escolar nos últimos anos, sendo, possivelmente, o principal motivo de encaminhamentos a serviços de saúde. Sendo um dos transtornos psiquiátricos mais comuns nas crianças, por envolver sintomas de desatenção, impulsividade e hiperatividade, causando dificuldades de aprendizagens, como ler e escrever.

Como consequências desse transtorno, não se pode negar que, para as crianças com TDAH, as experiências de aprendizagem e socialização ficam comprometidas, devido a agitação motora e a dificuldade de manter o foco e a concentração nas atividades propostas. Na infância, esses sinais são manifestados de maneiras e graus diferentes de intensidade, podendo permanecer por toda a vida. Identificar, diagnosticar e tratar os sinais desde cedo possibilita contribuir para práticas inclusivas no campo educacional.

Há algumas classificações do TDAH, segundo Graham & People, O DSM V também classifica o TDAH em três tipos distintos: desatento, hiperativo/impulsivo e misto. Além dos critérios objetivos delimitados no manual, é importante observar o contexto social da criança, uma vez que, dentre os prejuízos relatados, aqueles que se referem às competências sociais estão dentre os recorrentes.

O meio social em que a criança está inserida pode ter total influência em seus comportamentos no âmbito escolar, como também fomentar o desinteresse e a desatenção. Conforme o que diz Vygotsky (1984), que o cérebro se forma mediante a vida social do indivíduo, que, por sua vez, constitui seus processos cognitivos, percebe-se como a atividade intersubjetiva influencia totalmente a organização neurofuncional do cérebro.

Damasceno (2019) diz que a hiperatividade, que independe da vontade da criança, é comumente confundida com indisciplina, o que gera preconceito em relação aos que padecem deste transtorno, ou seja, os transtornos são distúrbios que afetam alguma área da vida da criança, mas por possuir tal transtorno não deixa de ser um sujeito histórico e de direitos, protagonista da sua vida e de suas ações.

Moysés (2001, p. 46) relata que:

Rotulada, a criança resiste, luta contra o preconceito, até que o incorpora. Resiste e incorpora em sua vida inteira, não em fragmentos de vida. Não é apenas na escola que se torna a criança que não sabe; a incapacidade adere a ela, infiltra-se em todas as facetas, todos os espaços da vida. Deixa de ser incapaz na escola para se tornar apenas incapaz. Expropriada de sua normalidade, sofre. Sofre ao resistir, sofre ao desistir. Sofre tão intensamente, pelo sutil processo de expropriação violenta, que nos atinge a todos nós que nos dispomos a olhá-las, a dar-lhes voz, a respeitar sua individualidade.

Desse modo, é visto que as crianças a todo tempo são rotuladas com estereótipos que por muitas vezes não condizem com sua real situação, são silenciadas, são reprimidas, não podem ser quem realmente são. Essa realidade necessita de mudança e de um olhar que enxergue a criança com respeito, como capaz e como agente ativo da sua história.

2.2 Patologização e medicalização

No Brasil, um olhar sociocultural e político sobre o tema vem sendo lançado por Moysés e Collares (2020), que compreendem que estamos vivendo a era dos transtornos, com aumento expressivo de diagnósticos de dislexia, TDAH, dentre novas nomenclaturas que surgem frequentemente em manuais lançados pela Academia de Psiquiatria Americana (APA).

Essa era dos transtornos é marcada pela patologização e medicalização da vida e da experiência escolar. De acordo com as referidas autoras, a patologização ocorre sempre que corpo e mente são fragmentados, separados da cultura e naturalizados.

Com esta dicotomia, os incômodos e sofrimentos do indivíduo passam a ter suas explicações a partir do funcionamento do seu próprio corpo. E essa é a herança de um modo supostamente neutro de fazer ciência que separou a técnica da ética, o indivíduo da sociedade e o investigador do objeto investigado.

De acordo com Moysés e Collares (2020, p. 35):

Na atualidade, os processos medicalização e patologização da vida se amplificam e sofisticam, com pretensas explicações no campo da biologia molecular, da epigenética e até da física quântica. Patologiza-se o medo de viver em cidades violentas, assim como a própria violência, desconectando-a da exclusão social e de vidas sem perspectiva, na tentativa de nos reduzir a seres estritamente constituídos por células, moléculas, genes. Células sem contexto e sem cultura. Genes atemporais, sem história e sem política.

Conforme essa lógica, O TDAH seria decorrente de:

[...] um aporte insuficiente de determinados neurotransmissores ao cérebro, especialmente dopamina e norepinefrina. Tal ineficiência ocasionaria uma disfunção na parte frontal do cérebro, responsável, entre outras funções, pela inibição comportamental (SIGNOR, 2013, p. 1146).

Nesta forma de explicar o aparecimento do TDAH, nota-se que está presente a herança histórica de um modo reducionista de fazer ciência, que pouco considera a expressão da experiência infantil, como se infere pelas escassas produções nesse sentido. Também se pode dizer que este reducionismo na explicação dos processos de desenvolvimento está relacionado com uma busca de homogeneização dos comportamentos na escola fundada numa sociedade capitalista e neoliberal.

Acerca disso, Beltrame *et al.* (2015) afirmam que:

[...] Genericamente, a escola se caracteriza, ainda, como um espaço de homogeneização dos comportamentos. O que se apresenta como diferente, geralmente será encaminhado a outro profissional que determinará sua normalidade ou anormalidade (BELTRAME, 2015, p.560).

Assim, a solução dos problemas de ensino-aprendizagem é buscada fora do contexto pedagógico e das relações educativas em que são gerados, como em clínicas; a procura de profissionais especializados da área da saúde (psicólogos, neurologista, psiquiatra, neuropediatra, etc.); caracterizando uma grande contradição.

Na lógica da medicalização, Signor (2013) pontua que o Brasil é o segundo maior consumidor de um medicamento a base de Metilfenidato, estimulante muito utilizado no tratamento do TDAH, perdendo apenas para os Estados Unidos no *ranking* mundial. Perante este dado, Beltrame *et al.* (2015) questionam: Já que o Brasil é um dos países que mais consomem medicamentos estimulantes para quem tem TDAH, por qual motivo ainda temos tantas crianças desatentas e hiperativas?

Esta pergunta lança nosso olhar para os direitos das crianças. Cotidianamente, assistimos as crianças terem seus direitos feridos, seja pela relação de dominância ainda presente nas relações entre adultos e crianças, seja pelas desigualdades e exclusões sociais.

Um dado interessante de se observar é a descontinuidade do consumo do medicamento, o qual, segundo estudo da Anvisa (2012), diminui nos meses de férias. O interessante deste dado é que muitos profissionais entendem o TDAH como um transtorno neurológico e crônico. O que, então, justifica a descontinuidade do tratamento medicamentoso no período de férias? Nesse período o transtorno deixa de existir? O que determina o uso de medicamento e a sua interrupção – já que essa é uma prescrição de alguns médicos – para

que a família o suspenda no período de férias? (BELTRAME, *et al*, 2015, p. 560).

Diante destas exclusões que consideramos fundamental a participação da criança na produção de conhecimento sobre sua saúde, sua educação e suas necessidades, pois quando somente os adultos pesquisadores e especialistas são socialmente considerados os detentores de conhecimento verdadeiro sobre o TDAH, corre-se o risco da homogeneização de práticas educativas e, nesse sentido, convém destacarmos a reflexão crítica de Moysés e Collares (2020, p. 35):

Na busca da homogeneização de todos os seres humanos e de silenciamento dos conflitos, os que não se submetem sofrem processos destinados a lhes mostrar – assim como a aqueles que os rodeiam – que é melhor conformar-se e se deixar levar. Os que não se submetem são quimicamente assujeitados, institucionalizados em diagnósticos psiquiátricos e drogas psicoativas, são destituídos de sua subjetividade, de sua condição de sujeito histórico-cultural.

Em busca da potencialização de uma pedagogia participativa e de uma sociedade democrática, não podemos perpetuar práticas de homogeneização das crianças. É preciso promover a ruptura da hegemonia dos discursos centrados na perspectiva do adulto, que ditam apenas normas de comportamento e estabelecem padrões.

2.3 Pesquisas com crianças

Ao longo do tempo, no fim do século XX, a Sociologia da Infância voltou-se para o estudo da criança, a ouvi-la, a enxergá-la como protagonista, como ser social, histórico e de direitos capaz de interagir com a sociedade e com o meio que convive, assim, contrariando o adultocentrismo, ou seja, atribuindo sentido as suas ações como participante ativo.

Realizar pesquisa com as crianças é diferente de pesquisar sobre elas, para Christensen e James (2000, p. 5):

[...] a diferença entre fazer pesquisa com crianças ao invés de sobre elas, está no fato de se as conceber como atores sociais ao invés de meros objetos de investigação, ouvindo e estando atento às diferentes formas de comunicação que estabelecem conosco.

Estar atento aos seus desejos, interesses, direitos, a sua fala e a escuta, é fundamental para validar sua visão de mundo sobre sua própria realidade. À vista disso, na pesquisa com crianças é importante que, o diálogo, as conversas informais e a interação entre pesquisador e criança evidenciem a postura horizontalizada da parte do pesquisador com as crianças, para:

Ouvir delas o que fazem e o que pensam sobre o que fazem, sobre o mundo que as rodeia e sobre ser criança, e evitando que imagens 'adultocêntricas' enviesem suas observações e reflexões (COHN, 2005, p. 45).

Segundo o Art. 12 da Convenção Internacional dos Direitos da Criança, de 1989, deve-se:

[...] assegurar à criança que é capaz de formular seus próprios pontos de vista o direito de expressar suas opiniões livremente sobre todos os assuntos relacionados a ela, e tais opiniões devem ser consideradas, em função da idade e da maturidade da criança. (ONU, 1989).

A participação das crianças sobre assuntos que lhe dizem respeito, é um direito, no qual elas, como atores sociais e não como objetos de pesquisa, devem concernir sua escolha de participar ou não, desde a observação até o percurso da investigação. Nesse sentido, cabe ao pesquisador estar atento às expressões, ao respeito ético, ao zelo para com as crianças e a singularidade que cada uma possui. Além, de serem observadas, as crianças observam e analisam o pesquisador, interpretando as suas ações.

De acordo com Beltrame *et al.* (2015):

Desde o início do século XX, muitas pesquisas foram realizadas sobre esse tema e quase que em sua totalidade são adultos, cientistas, pesquisadores falando sobre o assunto; porém, quantos pararam para ouvir o que as crianças e adolescentes têm a dizer sobre isso? (BELTRAME *et al.*, 2015, p.558).

Sendo assim, baseado no que Ferreira (2010, p.177) cita, a relação de interação e confiança entre pesquisador e criança é condição fundamental de pesquisa e deve ser conquistada e renegociada ao longo do processo. O pesquisador necessita de assentimento e para estabelecer a aceitação ou a recusa deve refletir criticamente em função da receptividade e reciprocidade e/ou rejeições que a interação desencadeie.

Podendo ser desse modo, explicitada por palavras e/ou linguagem corporal, como também através de demonstrações de afeto, como sorrisos, aperto de mão,

abraços individuais e coletivos, ou pela negação de tais atitudes, revelando a participação efetiva das crianças no processo de pesquisa, incitando o olhar sensível do pesquisador para que não sejam alteradas as ações infantis no processo de construção do conhecimento.

Considera-se que essa herança histórica de um modo de fazer ciência também se presentifica no excesso de produção acadêmica sobre TDAH, que ao mesmo tempo, pouco considera a expressão da experiência infantil. Cotidianamente, crianças têm seus direitos feridos, seja pela relação de dominância ainda presente nas relações entre adultos e crianças, seja pelas desigualdades e exclusões sociais.

Na contramão dessas exclusões, a participação da criança se torna necessária na produção de conhecimento sobre sua saúde, sua educação e suas necessidades. Quando os adultos pesquisadores e especialistas são socialmente considerados os detentores de conhecimento verdadeiro sobre o TDAH, corre-se o risco da homogeneização de práticas educativas.

Em busca de contribuir com a potencialização de uma pedagogia participativa e de uma sociedade democrática, não se pode permitir a homogeneização das crianças. É preciso criar modos de escutá-las acerca de suas necessidades e experiências no tocante ao TDAH.

3 METODOLOGIA

De acordo com Rother (2007), é possível caracterizar a metodologia de pesquisa aqui proposta como qualitativa, revisão narrativa de literatura. Nesse sentido, após elaborar a questão de pesquisa – qual seja: “De que forma a perspectiva das crianças sobre o TDAH pode contribuir para as pesquisas que buscam investigar esse fenômeno?” – estabelecendo para busca os bancos de dados: *SciELO* e Portal Periódicos CAPES.

No portal *SciELO*, foram adotados os seguintes termos de busca: TDAH, crianças e aprendizagem. Foram obtidos 21 resultados, cujos resumos foram lidos para identificação daqueles que faziam uso de metodologias envolvendo entrevistas com crianças. Com esse critério, foi encontrada apenas a seguinte pesquisa: “Ouvindo crianças sobre os sentidos e significados atribuídos ao TDAH”, da autoria de Beltrame, Souza, Nascimento e Sandrini (2015).

No portal de periódicos da CAPES, foram adotados como termos de busca: TDAH e crianças. Foram obtidos 513 resultados e foram selecionados 2 artigos que atendiam nosso critério de situar a criança como participante. Os artigos foram: Crianças com TDAH e professoras: recursos e dificuldades, da autoria de Abrahão e Elias (2022); e Interferências da Natureza no Comportamento de Crianças com TDAH: estudo de caso no nordeste brasileiro, da autoria de Damasceno, Mazzarino e Figueiredo (2022).

O quadro a seguir expõe dados dos trabalhos selecionados.

Quadro 1 - Pesquisas com criança sobre o TDAH

Título	Autores	Ano	Método e objetivo
Ouvindo crianças sobre os sentidos e significados atribuídos ao TDAH.	BELTRAME, Rudinei Luiz; SOUZA, Simone Vieira de; NASCIMENTO, Deise Maria do; SANDRINI, Paulo Roberto.	2015	Estudo multicaseos com crianças e adolescentes, com uso de técnicas lúdicas, objetivando possibilitar a expressão dos participantes sobre o TDAH.
Interferências da Natureza no Comportamento de Crianças com TDAH: estudo de caso no nordeste brasileiro.	DAMASCENO, Mônica Maria Siqueira; MAZZARINO, Jane Marcia; FIGUEIREDO, Aida.	2022	Pesquisa exploratória e descritiva, sendo um estudo de caso múltiplo, com característica de investigação-ação. O objetivo geral foi analisar o perfil de seis crianças, antes e depois de intervenções na natureza, a fim de identificar possíveis alterações no comportamento, decorrentes de experiências de contato direto com a natureza.

Crianças com TDAH e professoras: recursos e dificuldades	ABRAHÃO, Anaísa Leal Barbosa; ELIAS, Luciana Carla dos Santos.	2022	Os instrumentos utilizados foram entrevistas com as crianças e questionários com as professoras, objetivando caracterizar recursos e dificuldades.
--	---	------	--

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A seguir, a apresentação da análise acerca dos artigos encontrados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

De acordo com a atual pesquisa, foram encontrados centenas de artigos publicados referentes aos termos de busca deste estudo, dos quais foram descartados aqueles que fugiam da problemática desse trabalho. Após refinamento e seleção, de acordo com os critérios estabelecidos, foram três artigos científicos selecionados para análise e discussão.

Apesar de existirem, nos últimos anos, diversos artigos publicados sobre o TDAH, nota-se que a minoria deles retrata estudos apresentando enfoque no que diz respeito a perspectiva da criança em relação ao Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade.

No portal *SciELO*, foram obtidos 21 resultados, cujos resumos foram lidos para identificação daqueles que faziam uso de metodologias envolvendo entrevistas com crianças. No portal de periódicos da CAPES, 513 resultados foram obtidos e selecionados 2 artigos que atendiam o critério de situar a criança como participante da produção do processo de conhecimento.

Os artigos selecionados na revisão bibliográfica apontam posicionamentos críticos em relação a caracterização do TDAH. Tais críticas apontam para o risco de o problema ser visto pela ótica biologicista.

Temáticas como patologização, medicalização, aspectos biológicos e sociais são recorrentes nos artigos analisados. Os(as) autores(as) não negam um suposto componente fisiológico, mas destacam a importância de ir além nas possibilidades de diagnóstico e entendimento do problema, com a junção entre componentes biológicos e sociais.

Seguindo uma linhagem crítica e argumentativa em relação aos diagnósticos frente a transtornos como o TDAH, levantam questionamentos, análises e reflexões diante da sociedade contemporânea e das questões acerca de problemas comportamentais nas instituições de ensino.

Ao analisar e compreender os artigos, ficou perceptível que o assentimento das crianças foi realizado por meio de Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE e pelos seus responsáveis e professores, através de entrevistas e autorizações. O indispensável é trabalhar a escuta com atenção, respeitando e valorizando a criança em sua forma de atuar, pensar e ser, fazendo uso de uma comunicação que não seja julgadora, estereotipada, mas aquela que atrai mudanças e reflexões.

O primeiro artigo estudado, foi **Ouvindo crianças sobre os sentidos e significados atribuídos ao TDAH**, publicado em 2015 sob autoria de BELTRAME, Rudinei Luiz; SOUZA, Simone Vieira de; NASCIMENTO, Deise Maria do; SANDRINI, Paulo Roberto. Utilizou o método multicasos, de caráter qualitativo, ouvindo crianças em idade escolar com TDAH ou Déficit de Atenção, estas encaminhadas através de queixa escolar, oriundas das escolas da Grande Florianópolis. Foram selecionados quatro estudantes de acordo com a oferta disponível para o Projeto de extensão, tendo idade entre 7 e 14 anos, juntamente com seus responsáveis.

Em setembro de 2013, foi coletado as informações de forma processual e individual. Após consentimento dos pais ou responsáveis, realizou-se uma entrevista semiestruturada com o intuito de conhecer a vida do aluno e os processos que propiciaram o diagnóstico, para analisar e identificar a fala dos pais, amigos e familiares acerca do diagnóstico do TDAH.

Depois desta etapa e consentimento, os alunos participaram de um processo individual que não tinha um tempo determinado de duração em que pudessem expor sentidos atribuídos ao diagnóstico mediante as narrativas da família, da escola e sobre as implicações nas suas relações afetivas, sociais e cognitivas.

Das quatro crianças participantes do projeto (Márcio, Oliver, Bolt e Pê Lanza), duas delas participaram de três encontros com duração de aproximadamente 50 minutos. A terceira, participou de dois encontros com a mesma duração de tempo das duas primeiras crianças. O último participante, participou apenas de um encontro de aproximadamente 60 minutos e não quis ir até o término da atividade proposta.

Todos os encontros eram gravados e transcritos posteriormente, o lúdico se fez presente como instrumento principal envolvendo atividades de massa corporal, recorte em revistas de palavras ou figuras que representasse seu entendimento sobre o TDAH. Em seguida, um cartaz foi construído com a silhueta da criança e com os itens escolhidos colados.

A próxima atividade foi a construção da linha do tempo, onde as crianças puderam escrever, desenhar ou colar momentos positivos e negativos de sua vivência escolar e pessoal. A última atividade consolidou-se em uma conversa sobre as duas atividades anteriores.

Os participantes realizaram as mesmas atividades independentemente da quantidade de encontros, com os mesmos objetivos, porém, com motivações e engajamentos diferentes, respeitando o interesse do sujeito da pesquisa. Na

apresentação dos resultados, os dados foram apresentados na forma cursiva, utilizando como recurso ilustrativo, trechos das narrativas dos alunos participantes.

A queixa escolar sempre esteve presente até o processo de diagnóstico do TDAH, na tentativa de homogeneidade a escola mantém padrões, quando o aluno foge disso já é encaminhado e tachado como fora da normalidade. Um dos alunos participantes, chegou até a ser expulso da escola segundo relato da mãe.

[...] É relativamente comum professores e coordenadores fazerem diagnósticos pela observação de determinados comportamentos e solicitarem que os pais levem seus filhos para uma avaliação com um profissional da saúde. (BELTRAME, *et al*, 2015, p. 560).

Após diagnosticado o aluno começa a ter tratamento diferenciado porque agora é denominado “doente” e não mais como o desinquieto, hiperativo, preguiçoso ou desatento. De um lado, há pais preocupados se os filhos têm TDAH ou não, porém, mesmo com dúvidas atendem a pressão imposta pela escola e profissionais da saúde com receio de estarem negando ajuda aos próprios filhos.

As autoras relatam como a falta de informação e clareza acerca do TDAH traz o diagnóstico como justificativa para o mau desempenho escolar e para o mau comportamento da criança, acreditando ser um transtorno neurológico que precisa de terapia medicamentosa. Dos quatro participantes, três tomavam Ritalina e apenas um, fez o uso de Imipramina durante 1 ano, sendo suspenso o uso por seu pai por não considerar mais necessário.

Segundas as autoras, essas crianças nunca foram ouvidas, sequer foram válidas suas percepções. Em relatos, um participante diz que o uso do remédio não o deixa jogar bola do jeito que ele gosta, porque ele fica quieto. O outro diz que ama comer, mas o remédio o deixa sem fome.

Em suma, vê-se que o diagnóstico possui uma centralidade na vida da criança, dos seus familiares e de suas relações sociais como transformadora, deixando de lado o rótulo imposto, ou seja, o diagnóstico e o medicamento trazem uma lógica de resolução dos problemas fora do âmbito escolar. Assim, vozes são silenciadas reproduzindo discursos e desacreditando no seu potencial, se reconhecendo com problemas, homogeneizando sua forma de ser.

O segundo artigo, intitulado como **Interferências Da Natureza No Comportamento De Crianças Com TDAH: Estudo De Caso No Nordeste**

Brasileiro de autoria de Damasceno, Mazzarino e Figueiredo (2022), traz um estudo com crianças do município de Crato no estado do Ceará, oriundas de escolas públicas.

Esse artigo teve como objetivo geral a análise do perfil de seis crianças com TDAH, caracterizando-as antes e depois de terem contato com a natureza, com o propósito de identificar eventuais alterações comportamentais, resultantes de experiências diretas com o meio natural. Tratou-se de uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo e da realização de um estudo de caso múltiplo com traços de investigação-ação.

As autoras tiveram o apoio da SEMED (Secretaria Municipal de Educação) do Crato-CE para levantamento de dados e, portanto, identificar quais crianças possuíam diagnóstico de TDAH. O critério de seleção foi a matrícula regular em instituições públicas municipais do Crato e ter idade entre 7 e 12 anos.

As pesquisadoras organizaram os encontros após conversas com os responsáveis pelas crianças e com os professores, para compreenderem o perfil de cada uma delas e o meio no qual estavam inseridas. Todas as crianças proviam de famílias de baixa renda e algumas viviam em lares em condições de higiene precária e de ambiente familiar disfuncional.

As observações feitas eram registradas em um diário de campo. No total houve 16 encontros, todos baseados nos quatro estágios propostos por Cornell, sendo eles: despertar o entusiasmo, concentrar a atenção, experiência direta e compartilhar a inspiração.

O Método do Aprendizado Sequencial estimula a sensibilidade e a amorosidade por meio de experiências divertidas e prazerosas, que compreendem quatro estágios, que levam de um estado de agitação para um estado de concentração e envolvimento (CORNELL, 2008, p.5).

As vivências com a natureza tiveram duração de seis meses, embora que as atividades foram realizadas novamente após o intervalo de três meses com o intuito de analisar a evolução de cada criança, ou seja, realizou-se em duas etapas.

Os encontros de intervenção foram iniciados com a exploração livre do ambiente, em seguida com brincadeiras e jogos, utilizando sempre de guias de observação, trabalhando com oito guias, cada uma com quatro atividades; ferramenta imprescindível para o acompanhamento dos sujeitos participantes.

Coelho *et al.* (2015) “asseguram que um tempo maior junto à natureza pode apurar a maneira como as crianças aprendem, auxilia as crianças a expandirem a

concentração, a autorregulação, o raciocínio, entre outras habilidades.” Após intervenções com a natureza, as autoras obtiveram como resultados a minimização dos sintomas comportamentais do TDAH nas seis crianças com alterações positivas nos aspectos socioafetivos e cognitivos.

No entanto, além de perceber um grande entusiasmo para os estudos, uma melhor compreensão e adequação as regras propostas, proatividade, mais tranquilidade, maior receptividade, diminuição da hiperatividade, da impulsividade, da agressividade nas crianças, houve um crescimento significativo referente a aceitação e ao respeito consigo mesmo e com o próximo.

No artigo de Damasceno, Mazzarino e Figueiredo (2022), as autoras fomentam a importância do contato com a natureza e seus pares para o desenvolvimento biopsicossocial, além de serem seres vivos, componentes da natureza; os seres humanos devem religar-se a ela. Portanto, atividades associadas ao meio natural, reduziram os sintomas relacionados ao TDAH.

Crianças com TDAH normalmente não se sentem confiantes e apresentam limitações nas habilidades sociais, mas a experiência que cada criança vivenciou em contato direto com a natureza, realizando as vivências, propiciou a experiência de estarem bem consigo mesmas, durante as atividades individuais, com seus pares, ao longo das atividades que exploraram a interação social, com a natureza e com tudo que as cercava, ao longo das intervenções, o que favoreceu aspectos relacionados ao desenvolvimento socioafetivo e cognitivo (DAMASCENO, 2019, p. 15).

Nesse sentido, compreende-se que a criança com TDAH é beneficiada ao ter contato com a natureza, embora que o tratamento mais utilizado e reconhecido, cientificamente falando, é o tratamento com medicamentos; porém, outras vias de redução dos sintomas devem ser analisadas e consideradas.

Segundo, Damasceno, Mazzarino e Figueiredo (2022) “o TDAH não deixou de existir como realidade sintomática. Embora os sintomas estivessem presentes, em contato com a natureza, demonstraram perder força, principalmente, as limitações relacionadas ao aspecto social.” Assim, as instituições escolares devem considerar a contribuição de atividades com a interferência da natureza para o processo de desenvolvimento destes alunos com TDAH.

O último artigo estudado, intitulado **Crianças com TDAH e professoras: recursos e dificuldades**, tendo como autoras Abrahão e Elias (2022), traz inicialmente como o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade impacta nas

relações interpessoais e no desenvolvimento acadêmico e os seus riscos referentes ao desenvolvimento infantil.

Como objetivo geral, o estudo voltou-se na caracterização dos recursos e dificuldades no âmbito escolar tanto de professores como de crianças com TDAH. Os participantes dessa pesquisa foram 43 crianças entre 6 e 9 anos de idade – 7 meninas e 36 meninos – matriculados em 19 escolas públicas de Ensino Fundamental I. Destas crianças, 31 usavam medicação ofertada pelo município, ou seja, sem custo.

Os critérios para seleção era ter laudo com o diagnóstico de TDAH, porém a criança não poderia ter comorbidade, caso tivesse, seria excluída, tais dados foram disponibilizados pela Secretaria Municipal de Educação daquela localidade. Ressaltando que todos os sujeitos participantes eram residentes de uma cidade do interior paulista.

O outro público-alvo foram 36 professoras em média de 43 anos, que possuíam mais de dez anos de formação, porém, mais da metade delas tinham curso de especialização, embora que, apenas quatro estava voltado a área de inclusão educacional.

Os instrumentos utilizados para realização foram: entrevista semiestruturada voltado para o público infantil e questionário para as professoras, com perguntas sobre quais eram os recursos e as dificuldades na experiência como docente junto aos estudantes com TDAH, fazendo uma análise temática com o auxílio de um *software*, buscando promover o desenvolvimento biopsicossocial.

Ao analisar os resultados foi visto que existem dificuldades expressas tanto para as crianças como para os professores, acarretando prejuízos no que se diz respeito a aprendizagem, ao desenvolvimento seja ele escolar ou social e a falta de interação com os pares.

A falta de manejo com o livro didático; a não realização de tarefas de casa; notas baixas; dificuldade em matemática; problemas com os pares; preferências que não envolvem o contexto escolar, como jogar e assistir; são percepções das crianças que contradizem o discurso do professor a respeito da avaliação e que quase nunca é ouvida, o que traz prejuízos, dificultando o ensino e o acolhimento a estes alunos com TDAH.

Para os professores, ficou explícito a falta de estratégias pedagógicas diversificadas que possam atender os alunos com TDAH, como também a não propriedade acerca do transtorno faz com que esses profissionais se sintam acuados,

necessitando de formação continuada, discussões e intervenções no âmbito educacional.

Sherman *et al.* (2008) afirma que,

Em relação ao contexto escolar, uma metanálise apontou que o tempo de formação, os valores e as opiniões dos professores acerca do TDAH podem ter efeito importante na eficácia do tratamento, quando utilizadas estratégias didáticas dirigidas às dificuldades (SHERMAN *et al.*, 2008, p. 351).

Visto que, essa classe roga por suporte e evidencia narrativas desarticuladas sobre o TDAH, não possuindo conhecimento e nem preparo para lidar com alunos que apresentem dificuldades, sempre destacando a palavra “doença”; outra dificuldade relatada é a quantidade de alunos em sala de aula e a falta da presença de um cuidador, o que dificulta o atendimento com qualidade ao aluno e a prática pedagógica do professor.

No que tange ao contexto escolar, fatores como o desempenho defasado, a falta de interação, a exclusão e relacionamentos conflituosos e até mesmo de violência, contribuem demasiadamente para as dificuldades relatadas pelas crianças e para problemas comportamentais e cognitivos.

Destarte, a escola como provedor de competências e de pluralidade deve atender os dois públicos com intervenções escolares e psicológicas, em uma perspectiva inclusiva e socioemocional, associado com o tratamento, família, professores e seus pares, para solucionar ou minimizar tais dificuldades para que ambos executem seus papéis e conseqüentemente corroborem para o desenvolvimento integral destas crianças com TDAH.

O diálogo, as trocas, são atitudes que contribuem para que exista uma interação que influencie as crianças a construírem novos saberes acerca do ambiente que estão inseridas, sem perder o direito de aprender e de entender cada processo, para que assim seja favorecida sua inserção participativa na sociedade.

Transformando o olhar de que as crianças são apenas sujeitos de necessidades, mas é enxergá-las como sujeitos históricos e de direitos que têm oportunidades de escolher, de decidir, de serem ouvidas nas suas singularidades, atribuindo-lhes respeito e valorização, assim como o protagonismo em seus próprios processos de aprendizagem e também de ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado na revisão bibliográfica realizada, percebe-se que diferentes estudos têm discutido o TDAH, sua caracterização e suas implicações no desenvolvimento e educação de crianças, mas ainda são escassos aqueles que trazem em sua metodologia um ponto de vista que represente a perspectiva da criança. O aspecto médico tem se sobressaído na caracterização do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade em detrimento de sua formação social.

Há amplo conhecimento divulgado sobre sintomas e comportamentos típicos das crianças com TDAH, porém pouco se coloca no centro do debate que o transtorno da atenção também é o reflexo das vias encontradas pelas crianças para organização, interação e ação diante das imposições do mundo atual.

Portanto, retomando a problemática deste trabalho “De que forma a perspectiva das crianças sobre o TDAH pode contribuir para as pesquisas que buscam investigar esse fenômeno?”, é possível dizer que a inserção da perspectiva da criança tem o potencial de desnaturalizar o fenômeno TDAH, evidenciando como as mudanças ambientais e contatos com a natureza, assim como trabalhar com o lúdico, podem alterar positivamente o comportamento da criança com TDAH, bem como evidenciou como a expressão da criança pode demonstrar que suas dificuldades de aprendizagem podem estar ligadas a outros aspectos da relação da criança com a comunidade escolar e o meio social.

Nos três artigos encontrados que trazem a perspectiva da criança, foi possível compreender a constituição cultural no desenvolvimento dos transtornos que afetam a atenção das crianças. Em suma, de acordo com Beltrame (2015) problemas escolares que poderiam ser resolvidos com uma intervenção pedagógica não podem ser interpretados como problemas neurológicos, que precisam de uma intervenção médica e medicamentosa.

Os artigos analisados contribuem para a compreensão geral do TDAH, no cenário contemporâneo, mostrando que é preciso olhar o desenvolvimento infantil e suas necessidades adaptativas diante das demandas que a sociedade cria constantemente. Sendo assim, o surgimento do TDAH se inscreve nesse contexto das relações entre crianças, cultura e novas formas de sociabilidade.

Nesse sentido, ao inserir a expressão infantil na produção de conhecimento sobre o problema, pode-se dizer que as pesquisas aqui discutidas revelam o quanto

essa inclusão do lugar da criança pode contribuir para a despatologização do TDAH na sociedade, diversificando as suas opções de tratamento, já que intervenções na natureza e com a brincadeira demonstraram melhoras qualitativas do comportamento de crianças com TDAH e isto vai além da medicalização.

Reforçamos que é preciso enxergar a criança como protagonista e entender sua perspectiva, para valorizar sua potencialidade, particularidade e singularidade, contribuindo assim para formas de produção de conhecimento inovadoras, democráticas e inclusiva nos temas que tocam à infância nas questões sociais, históricas, afetivas. É imprescindível repensar práticas que propiciem um desenvolvimento que não exclua a diversidade e nem haja a patologização da singularidade.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, A. L. B.; ELIAS, L. C. dos S. Crianças com TDAH e professoras: Recursos e dificuldades. **Psico**, [S. l.], v. 53, n. 1, p. e39098, 2022.
- BARKLEY, R. A. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade**: manual para diagnóstico e tratamento. Porto Alegre: Artmed: 2009.
- BELTRAME, R. L. *et al.* Ouvindo Crianças Sobre Sentidos e Significados Atribuídos ao TDAH. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 3, p. 557–565, set. 2015.
- CALIMAN, L. V. A constituição sócio-médica do "fato TDAH". **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 135-144, 2009.
- COELHO, A. *et al.* Oferta educativa outdoor como complemento da Educação Pré-Escolar: Os benefícios do contacto com a natureza. **Revista de Estudios e Investigación En Psicología Y Educación**, Espanha, v. extr., n. 10, p. 111-117, 2015.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CORNELL, J. **Vivências com a Natureza**: novas atividades para pais e educadores. São Paulo: Aquariana, 2008.
- CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison. Researching children and childhood: Cultures of communication. In: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Alisson (org.). **Research with children**: perspectives and practices. London: Falmer Press, 2000.
- DAMASCENO, M.M.S. **Educação ambiental vivencial e o desenvolvimento cognitivo e socio-afetivo de crianças com TDAH**. 2019. 330 f. Tese (Doutorado em ambiente e desenvolvimento) - Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2019.
- DAMASCENO, M. M. S.; MAZZARINO, J. M.; FIGUEIREDO, A. How Nature Affects The Behavior of ADHD Children: A Case Study in Northeastern Brazil. **Ambiente & Sociedade**, v. 25, p. e00311, 2022.
- FERREIRA, Manuela. “Ela é nossa prisioneira!”: questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão as crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 2, p. 151- 182, jul./dez. 2010.
- GIRAO, Marina Serejo; COLACO, Veriana de Fátima Rodrigues. TDAH na infância contemporânea: um olhar a partir da sociologia da infância e da psicologia histórico cultural. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 13, n. 1, p. 1-13, abr. 2018.
- GRAHAM, P., & PEOPLE, Y. **Attention Deficit Hyperactivity Disorder**: The NICE Guideline on Diagnosis and Management of ADHD in Children, Young People and

Adults: National Clinical Practice Guideline. London/ Manchester: National Institute for Health and Care Excellence, 2008.

MOYSÉS, M. A. **A institucionalização invisível: crianças-que-não-aprendem-na-escola.** São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

MOYSÉS, M. A. A.; COLLARES, C. A. L. Novos modos de vigiar, novos modos de punir: A patologização da vida. **Educação, Sociedade & Culturas**, [S. l.], n. 57, p. 31–44, 2020. DOI: 10.34626/esc.vi57.11. Disponível em: <https://ojs.up.pt/index.php/esc-ciie/article/view/11> Acesso em: 20 set. 2023.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Convenção sobre os Direitos da Criança de 1989.**

POR QUE tantos remédios? **Revista Diálogos PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO**, p. 101 – 107. Conselhos Regionais de Psicologia - Brasília/DF, 2019.

REIS, G. V. **Alunos Diagnosticados com TDAH: reflexões sobre a prática pedagógica utilizada no processo educacional.** Parnaíba: [s. n.], 2011.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v–vi, abr. 2007.

SHERMAN, J., RASMUSSEN, C., & BAYDALA, L. The impact of teacher factors on achievement and behavioural outcomes of children with attention deficit/hyperactivity disorder (ADHD): A Review of the Literature. **Educational Research**, v. 50, n. 4, p. 347-360, 2008.

SIGNOR, R. Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade: uma análise histórica e social. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 13, n. 4, p. 1145–1166, out. 2013.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.